



Global University Entrepreneurial Spirit Students' Survey



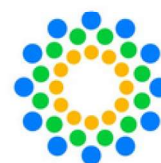
Universitários e Empreendedorismo 2021

Relatório do Estudo GUESSS Brasil

Edmilson de Oliveira Lima, Dr. e João Paulo Moreira Silva, Dr.

Grupo APOE

Grupo de Estudo sobre Administração
de Pequenas Organizações e Empreendedorismo



ANEGEPE

Associação Nacional de Estudos em
Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas

Prefácio

O Estudo GUESSS Brasil fornece dados e *insights* valiosos sobre o interesse de empreender, a preparação para ser empreendedor e as atividades empreendedoras desde 2011. Seu nome, no contexto brasileiro, significa *Estudo Mundial sobre Empreendedorismo junto aos Estudantes Universitários do Brasil*. O nome integra a sigla GUESSS, originalmente usada para *Global University Entrepreneurial Spirit Students Survey*. Em mais de 50 países, o estudo contribui para caracterizar os antecedentes, contextos, resultados e condições do empreendedorismo estudantil.

No mundo, o estudo ocorre desde 2003. Chegou à sua 9ª edição em 2021, com 7.738 respostas de estudantes do Brasil. Veja no apêndice as informações sobre a amostra brasileira, assim como a Tabela A1 com a lista das instituições de ensino superior (IES) participantes e seus números de resposta. Internacionalmente, a edição de 2021 obteve respostas de mais de 260.000 estudantes de 58 países. Nos diferentes países, o GUESSS visa a informar e inspirar melhor os pesquisadores, profissionais e formuladores de políticas para aprimorar a preparação para empreender e o empreendedorismo.

Os bons resultados do Estudo GUESSS Brasil 2021 foram possíveis graças à colaboração da ANEPEPE (Associação Nacional de Estudos em Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas), de parceiros nas IES nacionais e seus apoiadores, assim como dos estudantes que responderam o questionário da pesquisa. ***Um grande obrigado a todos!***

Cordialmente,

Edmilson de Oliveira Lima, Dr. - Uninove e ANEPEPE / analista e coordenador do Estudo GUESSS Brasil

João Paulo Moreira Silva, Dr. - Centro Universitário Unihorizontes / analista do Estudo GUESSS Brasil

Rose Mary Almeida Lopes, Dra., e **Edmundo Inácio Jr.**, Dr. - ANEPEPE e REPEPE respectivamente / conselho consultivo do Estudo GUESSS Brasil

Como citar

Lima, E. O., Silva, J. M. (2022). Universitários e Empreendedorismo 2021 – Relatório do Estudo GUESSS Brasil. São Paulo: ANEPEPE e Grupo APOE.

Mais sobre o GUESSS

A coleta de dados no Estudo GUESSS Brasil utiliza um questionário estruturado que é padronizado internacionalmente, com pequenas adaptações para o português brasileiro, ocasionalmente acrescidas, em seu final, de questões específicas para temas adicionais visados no Brasil. O questionário, contendo questões de múltipla escolha, foi respondido online por estudantes universitários que atenderam aos convites de professores, coordenadores e diretores universitários colaborando com o projeto em cada IES participante. A padronização internacional do questionário permite a comparação de dados e resultados de pesquisa entre as IES e entre os países participantes.

O estudo é um dos maiores de seu tipo no mundo. O GUESSS permite análises e comparações nacionais e internacionais entre as IES, interesses de carreira dos estudantes e sua preparação para se tornarem empreendedores. Facilita o intercâmbio de melhores práticas e *benchmark* quanto à preparação para a carreira dos estudantes entre países e IES, além de impulsionar melhorias em atividades de educação, administração universitária, métodos de ensino e políticas públicas.

As publicações baseadas nos dados do GUESSS trazem relevantes contribuições para pesquisas e atividades de ensino, assim como para práticas úteis ao empreendedorismo e à formulação de políticas. O estudo tem sido a base para numerosas divulgações influentes, relatórios, artigos orientados para a prática e publicações acadêmicas em periódicos renomados. Para obter mais informações e suas publicações, visite (1) www.anepepe.org.br (2) www.guesssbrasil.org e (3) www.guesssurvey.org.

Índice

Prefácio	1
Mais sobre o GUESSS	1
Principais Observações e Resultados	3
Introdução	5
1. Intenções de Escolha de Carreira (Incluindo o Empreendedorismo)	5
2. Atividades Empreendedoras	9
2.1. Empreendedores Nascentes e Ativos	9
3. Empreendedorismo e Estudantes: Fatores de Influência	10
3.1. O Contexto Universitário	10
3.2. Campos de Estudo	12
3.3. Sexo	13
4. O Impacto da Pandemia de Covid-19	14
5. Empreender como Sucessores nos Negócios da Família e em Outros	16
6. Recomendações	19
7. Apêndice - A Amostra Brasileira	22

Principais Observações e Resultados

Os tópicos e descrições desta seção resumem os principais resultados e observações deste relatório do Estudo GUESSS Brasil 2021.

Intenções e Atividades Empreendedoras dos Estudantes

- Em 2021, 22,4% dos 7.738 estudantes que responderam o questionário do Estudo GUESSS Brasil expressaram a intenção de se tornarem empreendedores logo após se formarem. Esse grupo é aqui chamado de "empreendedores intencionais diretos".
- Para 5 anos após a formatura, 38,4% dos respondentes indicaram que desejam ser empreendedores.
- Um elevado percentual (66%) de estudantes quer algum tipo de emprego para logo após a formatura. Contudo, a frequência de tal intenção desce (para 52%) quando se trata de 5 anos após a formatura. A diferença de 14 p.p. demonstra que há um contingente considerável daqueles que estão no padrão "primeiro empregado, depois empreendedor".
- A escolha de carreira dos "empreendedores intencionais diretos" é estável para 38,4% deles, que ainda pretendem ser empreendedores 5 anos depois da formatura.
- Nas diferentes edições do Estudo GUESSS Brasil desde 2011, a frequência de estudantes que pretendem ser empreendedores 5 anos depois da formatura se manteve relativamente consistente, variando progressivamente de 33,5% em 2013 para 38,4% em 2021. No entanto, a porcentagem foi de 39,1% em 2011.
- Entre os 7.738 estudantes respondentes, 25,6% estão tentando criar seus próprios negócios, sendo chamados de "empreendedores nascentes" no GUESSS, enquanto 12,3% já criaram e mantêm seus negócios, os chamados "empreendedores ativos".
- Entre os nascentes que informaram quando querem completar a fundação de seu empreendimento, 36,2% indicaram que pretendem fazê-lo ainda enquanto são estudantes e 23,4% querem fazê-lo logo após a formatura.
- Há um conjunto de 2.083 "sucessores potenciais" (26,9% dos 7.738 respondentes), estudantes informando que seu pai, sua mãe ou ambos são donos majoritários ou únicos de um negócio.
- Um sério desperdício de potencial ocorre com esses possíveis sucessores, pois apenas cerca de 1,5% dos 7.738 respondentes (115 estudantes) quer ser sucessor na família. Portanto, pouco mais de 25% (1.935 estudantes) de todos os respondentes podem, mas não querem suceder.
- O desperdício parece maior porque suceder evita dificuldades típicas da criação de negócios "a partir do zero" (p. ex.: criar os produtos, registrar empresa e formar uma clientela), principalmente entre 24,6% dos "sucessores potenciais" (512 estudantes), os quais já trabalharam nos negócios dos pais, e 9,8% dos "sucessores potenciais" que têm alguma porcentagem desses negócios. Esses são dois grupos com mais etapas avançadas e preparo do que o normal para empreender.

Fatores de Influência

- O percentual de 29,5% dos "empreendedores nascentes" relatou que a tentativa de criar seu próprio negócio decorria em grande parte dos efeitos da crise de Covid-19.
- Dentre os "empreendedores ativos", 29,9% criaram seus negócios em grande parte devido aos efeitos da pandemia de Covid-19.

- Diferentemente das expectativas, 40,4% a 43,1% dos estudantes nos diferentes grupos de empreendedores (nascentes, ativos e diretos) não cursaram qualquer disciplina de empreendedorismo na IES em que estão matriculados. Considerando todos os estudantes, incluindo os não empreendedores, essa porcentagem aumenta para 48,9%.
- A educação em empreendedorismo e o clima empreendedor nas IES continuam sendo fatores determinantes das intenções e atividades empreendedoras.
- O Brasil obteve a pontuação média de 3,7 para a eficácia da promoção do ambiente empreendedor em suas IES, média inferior à internacional, de 4,4. Há grande espaço para melhoria no Brasil e internacionalmente, já que cada média máxima possível é 7 porque este é o valor mais alto da escala usada para a avaliação.
- Os estudantes das categorias de empreendedores ativos, nascentes, intencionais para 5 anos e intencionais diretos são mais frequentemente dos campos de estudo "negócios/administração", com os percentuais 41,8%, 39,7%, 38,9% e 40,6% respectivamente, "medicina humana/ciências da saúde", com 10,7%, 9,5%, 15,8% e 13,7% respectivamente, e "engenharia (incluindo arquitetura)", com 9,8%, 12,6%, 12,9% e 11,5% respectivamente.
- Em todas as quatro categorias consideradas, o percentual das estudantes mulheres é superior ao dos estudantes homens em cerca de 10 p.p., em média – sinal de uma potencial mudança futura nas dinâmicas empreendedoras, com as mulheres empreendendo mais frequentemente.
- Apesar da pandemia de Covid-19 e considerando-se principalmente as intenções de empreender 5 anos depois da formatura, pode-se dizer que a frequência de intenção de empreender dos estudantes em 2021 (38,4%) é próxima àquelas levantadas nas quatro edições anteriores do Estudo GUESSS Brasil desde 2011, que variaram de 33% a 39%.
- Em comparação aos 13,1% de 2019, uma porcentagem relativamente alta de negócios de estudantes foi criada durante a crise da Covid-19, sendo 25,2% em 2020 e 18,7% em 2021 apesar das dificuldades geradas pela crise e/ou devido a tais dificuldades.
- Um contingente de 38,3% dos "empreendedores ativos" não tem empregados em seus negócios e 26,9% deles têm apenas um empregado. Nesse sentido, os negócios de 65,2% desses empreendedores são de porte micro.
- O fato de esses negócios serem novos e de porte micro reforça os resultados da pesquisa GEM Brasil, que mostra um alto número MEIs estabelecidos por necessidade no Brasil em 2020 e 2021, durante a crise de Covid-19.
- Há grande necessidade de aperfeiçoamento da educação em empreendedorismo, mais ainda para possíveis sucessores por eles terem mais facilidades e preparo para empreender, por ser importante explorar seu potencial para impulsionar o empreendedorismo brasileiro e porque, como ocorre para o conjunto dos 7.738 respondentes, quase 50% deles nunca cursou qualquer disciplina de empreendedorismo.

Introdução

O presente relatório do Estudo GUESSS Brasil traz resultados da análise de dados coletados com questionários respondidos em 2021 por 7.738 estudantes de mais de 30 instituições de ensino superior (IES) do Brasil.

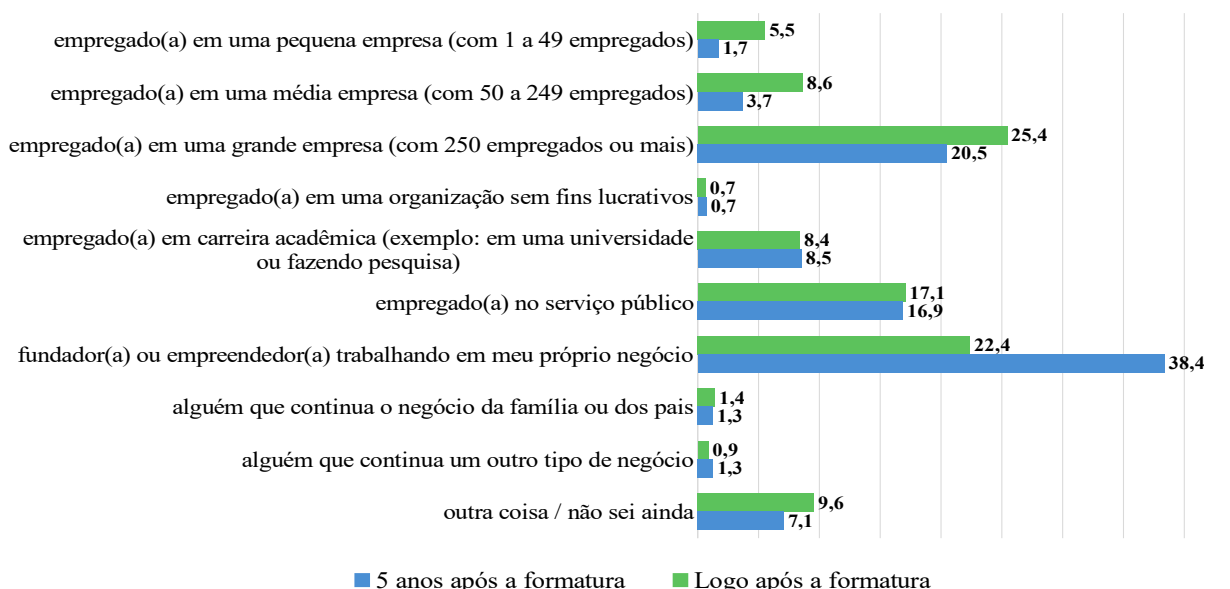
O apêndice disponível no final deste texto mostra a lista dessas IES, com a localização e a quantidade de respostas de cada uma delas. O apêndice também mostra outras características relevantes da amostra, incluindo a distribuição estatística dos sexos, idades e campos de estudo dos estudantes respondentes.

A seção a seguir avança no tratamento de temas mais centrais do GUESSS, abordando as intenções de carreira, em especial quanto às possibilidades de empreender, ser empregados, ser sucessor ou outros.

1. Intenções de Escolha de Carreira (Incluindo o Empreendedorismo)

Com a Figura 1, nota-se que 22,4% de todos os estudantes respondentes querem ser empreendedores logo após terminarem seus estudos, enquanto 38,4% têm a mesma intenção para 5 anos depois. Nesse sentido, a frequência de intenção empreendedora (criação de um novo negócio)¹ para logo após os estudos está um pouco acima da metade daquela para 5 anos depois.

Figura 1. O que os estudantes querem ser – intenções de carreira (em %; N = 7.738)



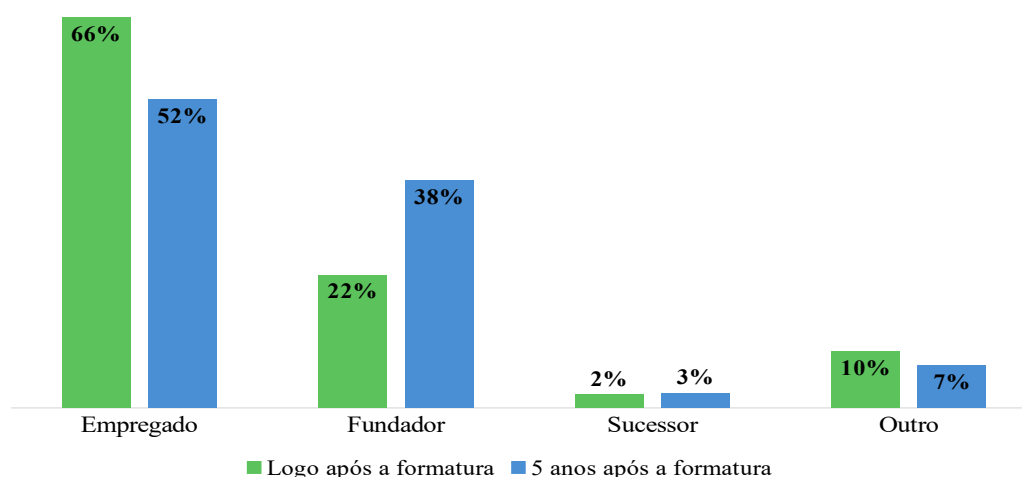
Em segundo lugar entre os destaques, pode-se mencionar a elevada frequência de interesse em ter um emprego em uma grande empresa, seja para logo após a formatura (25,4%) ou para 5 anos depois (20,5%).

¹ Ser sucessor em uma empresa dos pais ou assumir outra empresa também refere-se a uma carreira empreendedora. No entanto, neste relatório, a expressão "intenção empreendedora" é usada para se referir exclusivamente à intenção de criar um novo negócio, a menos que indicado de outro modo.

Em terceiro lugar, há de se mencionar a opção de ser "empregado(a) em serviço público", com os percentuais também elevados e similares para logo após a formatura (17,1%) ou para 5 anos depois (16,9%). Trata-se de uma opção atraente por sua capacidade de oferecer segurança no emprego em no Brasil, marcado pelas instabilidades econômica e política.

A Figura 2 reflete o padrão consistente nos diferentes anos do Estudo GUESSS Brasil e no GUESSS internacionalmente, segundo o qual os estudantes mais frequentemente preferem um emprego logo após a formatura (66% na Figura 2) e baixam consideravelmente tal intenção para 5 anos depois (52% na Figura 2). Isso indica que muitos estudantes esperam fazer a transição do emprego para o empreendedorismo no período de 5 anos.

Figura 2. Intenções de escolha de carreira em grupos (em %; N = 7.738)



Com a Figura 3, pode-se considerar a distribuição dos planos de carreira dos empreendedores intencionais diretos para 5 anos após sua formatura. A figura mostra que 38,4% deles, além de quererem empreender logo após a formatura, querem também se manter como empreendedores após 5 anos. Portanto, a opção de empreender é estável para esse grupo.

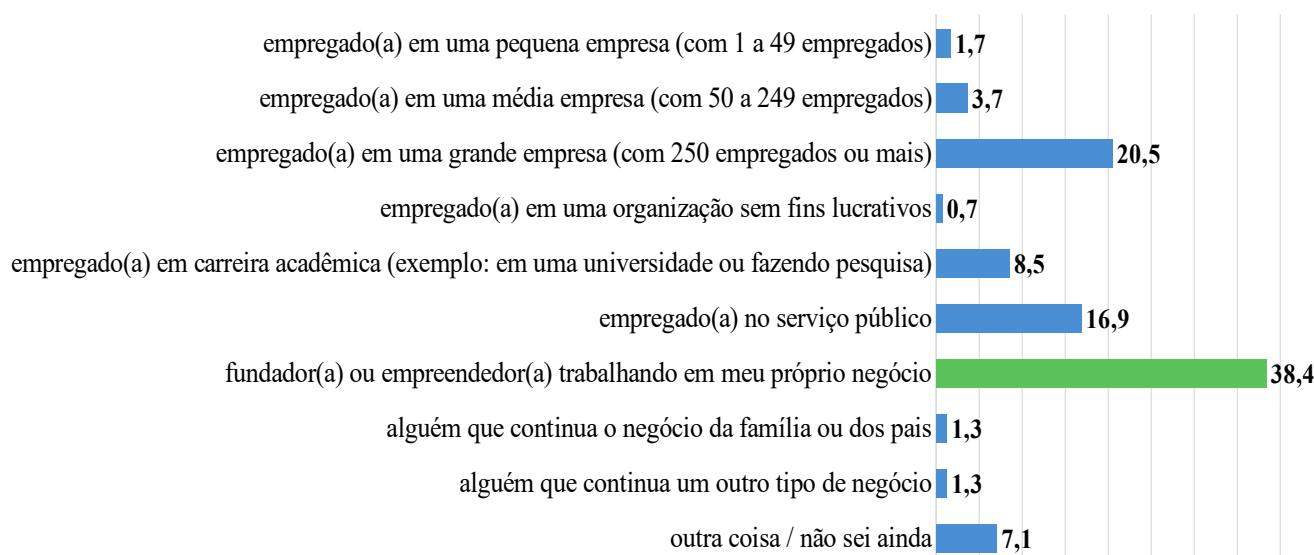
Outros contingentes importantes de empreendedores diretos querem ser empregados em uma grande empresa (20,5%) e empregados no serviço público (16,9%) 5 anos após a formatura. Em outras palavras, são dois grupos que totalizam cerca de 37% de estudantes que desejam ser empreendedores em um primeiro momento e empregados mais adiante.

As diferentes situações de "primeiro empreender e, depois, ser empregado" da Figura 3 podem, ao menos em parte, refletir os fatos de grande percentual dos estudantes respondentes de 2021 (cerca de 40%) ser do estado de São Paulo (ver a Tabela A1 no apêndice) com perfil predominante de estudantes que tinham um emprego no início da crise de Covid-19. Querer empreender logo após a formatura pode ter sido um plano provisório para que os estudantes desse perfil, principalmente os que sentiam seu emprego ameaçado ou já tinham perdido o emprego devido

à crise, resolvessem a necessidade de renda imposta pela pandemia, mas um plano a ceder lugar adiante à busca por um bom emprego.

De fato, dentre os 1.978 estudantes que estavam tentando iniciar um negócio ou ser autônomos no momento da coleta de dados (25,6% da amostra total de 7.738 respondentes), os chamados "empreendedores nascentes", o percentual de 29,5% relatou que tal tentativa decorria em grande parte dos efeitos da crise de Covid-19. Dentre os 950 "empreendedores ativos" identificados (12,3% da amostra), 29,9% criaram seus negócios em grande parte devido aos efeitos da pandemia de Covid-19. Como já mostrou o estudo GEM Brasil², principalmente quanto aos anos de 2020 e 2021, empreender mostrou-se como uma solução de geração de renda frequente para brasileiros que se sentiram inseguros em seus empregos e/ou perderam o emprego por efeito da crise.

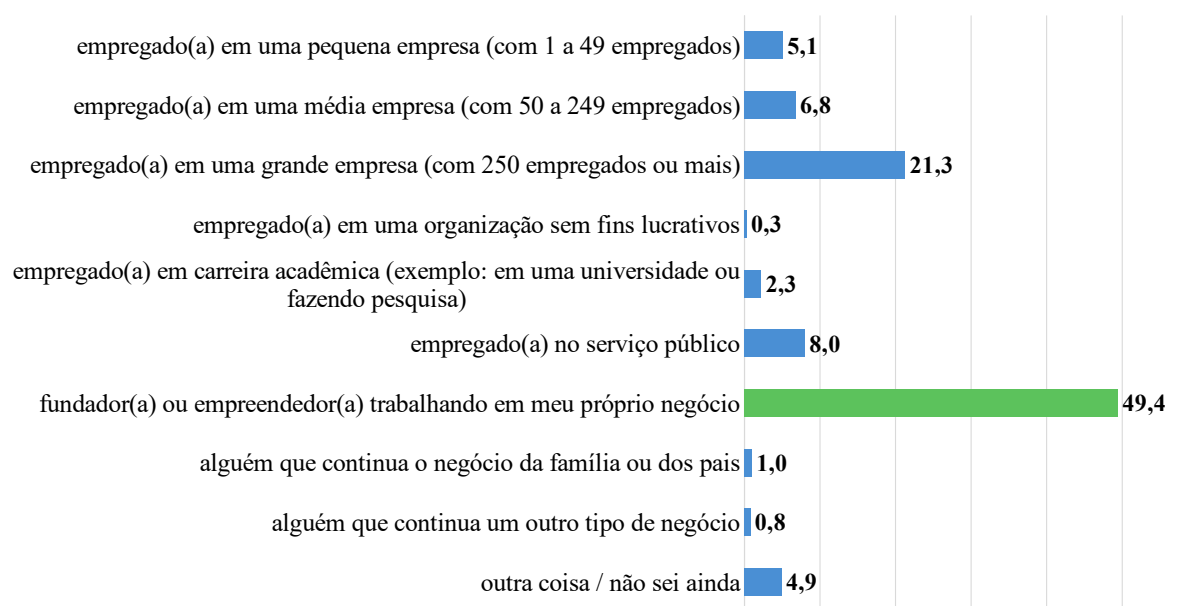
Figura 3. Após 5 anos da formatura, o que querem ser os empreendedores intencionais diretos?
(em %; N = 1.733)



A Figura 4 faz um tratamento inverso dos dados em comparação à Figura 3, focando as escolhas de carreira de logo após a formatura para os estudantes que querem empreender 5 anos depois. Segundo a figura, há 49,4% desses estudantes desejando empreender no fim dos estudos, enquanto um percentual de 43,8% deles quer empregos no setor privado ou público, o que repete o padrão "empregado, depois empreendedor", já visto na Figura 2.

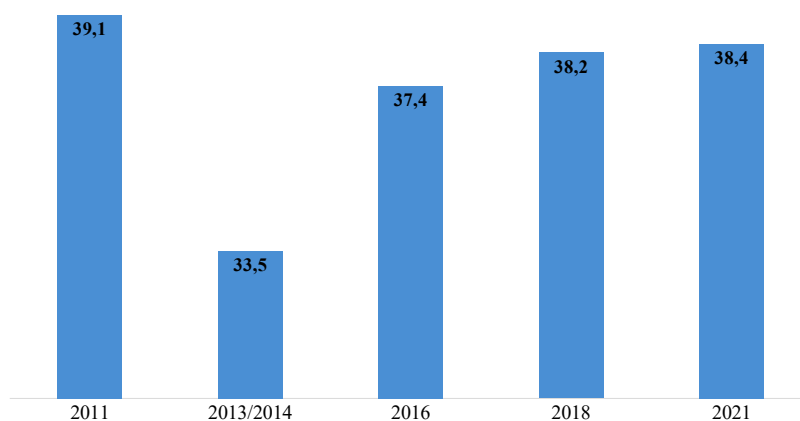
² Greco, S. M. S. S., Lima, E. O., Inácio Júnior, E., Machado, J. P., Guimarães, L. O., Bastos Júnior, P. A., Lopes, R. M. A., & Souza, V. L. (2021, 2022). Global Entrepreneurship Monitor: empreendedorismo no Brasil 2020 e 2021. In Pesquisa GEM - Global Entrepreneurship Monitor. <https://anegepe.org.br/parcerias/global-entrepreneurship-monitor/>

Figura 4. Logo após a formatura, o que querem ser os empreendedores intencionais de 5 anos?
(em %; N = 2.971)



Os dados das cinco edições do GUESSS feitas no Brasil (2021, 2018, 2016, 2013/2014 e 2011)³ mostram um padrão para as intenções empreendedoras. Em média, cerca de 35% dos estudantes se veem como empreendedores intencionais para 5 anos após a graduação (Figura 5).

Figura 5. Porcentagens de fundadores intencionais (5 anos após a formatura) ao longo do tempo (em %)



O ano de 2013/2014 foi aquele de menor percentual, com 33,5%, uma diminuição claramente perceptível em relação à maior porcentagem, de 39,1% em 2011. Fora essa queda de quase 6 p.p. em 2013/14, a frequência das intenções empreendedoras para 5 anos após a formatura manteve-se relativamente estável nos anos.

³ O número e os tipos de IES participantes, assim como o número de respondentes, variam a cada biênio do estudo no Brasil. Para exemplificar essas variações, a edição de 2021 contou com 7.738 respostas, cerca de 40% delas vindas de IES da região da Grande São Paulo, enquanto a de 2018 teve 20.623 respostas, 38% delas vindas de IES do Nordeste do país. No entanto, não houve variação sistemática no procedimento de coleta de dados ou na estratégia de recrutamento das universidades. Assim, os achados longitudinais devem ser considerados confiáveis e válidos, embora precisem ser interpretados com cautela.

2. Atividades Empreendedoras

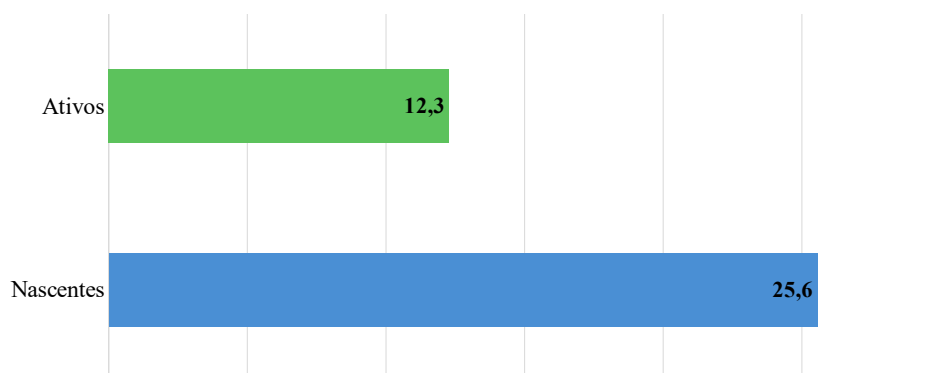
2.1. Empreendedores Nascentes e Ativos

No Estudo GUESSS Brasil de 2021, um total de 7.738 estudantes foi consultado sobre seu interesse pelo empreendedorismo e suas intenções de carreira, entre outros aspectos. Dentre os respondentes, 25,6% (1.978 estudantes) indicaram que estavam tentando iniciar um negócio ou ser autônomos, enquadrando-se na categoria "empreendedores nascentes". Isso está representado na Figura 6, que também mostra que 12,3% dos estudantes respondentes disseram já ter um empreendimento ou ser autônomo, o que os configura como "empreendedores ativos".

Entre os nascentes, um contingente de 1.293 (65,3% do total de 1.978) informou para quando previa a conclusão da fundação de seu empreendimento. Desses respondentes, 36,2% indicaram que pretendiam fazê-lo ainda no período de seus estudos, 23,4% informaram que o fariam logo após se formarem, 24% responderam que o fariam em até dois anos a partir da formatura e 16,3% não sabiam quando o fariam.

No mais, dentre esses 1.293 respondentes, 56,7% queriam que seu negócio se tornasse sua principal ocupação após a conclusão dos estudos, 38,8% desejavam iniciar os negócios com um ou mais sócios, 66,0% pretendiam ter 51% a 100% da propriedade do negócio, sendo majoritários, e 29,5% relataram que a tentativa de empreender resultava majoritariamente dos efeitos da crise de Covid-19.

Figura 6. Empreendedores nascentes e ativos no Brasil (em %)



Adicionalmente, dentre os mesmos 1.293 respondentes classificados como "empreendedores nascentes", 23,5% já tinham criado algum negócio anteriormente, 50,9% tiveram seu projeto de criar negócios como algo que emergiu de modo amplamente independente das influências da instituição de ensino superior (IES) em que estavam matriculados.

Quanto à categoria dos 950 estudantes que já estavam operando seus negócios (12,3% da amostra de 7.738 respondentes), os chamados "empreendedores ativos", 18,7% tinham fundado os negócios em 2021, enquanto 25,2% o tinham feito em 2020 e 13,1% em 2019. Isso implica que

43,9% criaram seus negócios no período da pandemia de Covid-19 (2020 e 2021), apesar das (ou devido às) dificuldades impostas por essa crise, e que 57,0% o fizeram nos últimos três anos. Em outras palavras, a maioria dos negócios dos "empreendedores ativos" era nova, com até três anos.

No que se refere ao conjunto das pessoas colaborando internamente nos negócios e à propriedade destes, 481 "empreendedores ativos" (50,6% de 950) informaram se tinham ao menos um dos pais como sócio nos negócios. Desse subconjunto, 28,9% disseram "sim" nessa consulta. Nesse sentido, podiam contar com o convívio intergeracional nos negócios, sob os típicos riscos de conflitos familiares, mas podendo acessar as experiências de vida e trabalho dos pais. Podiam também se beneficiar dos fortes laços de confiança familiares úteis nas atividades que demandam alta confiança (p. ex.: sociedade para se caracterizar juridicamente uma empresa como limitada, gestão financeira, auditoria, supervisão e acesso a contas bancárias).

Ainda sobre colaboradores internos e propriedade, os dados mostraram que 38,3% dos 950 "empreendedores ativos" não tinham empregados, 26,9% deles tinham um empregado e 9,3% deles tinha dois empregados, além de que 61,4% deles tinham de 51% a 100% da propriedade dos negócios (majoritários). Entre os "empreendedores ativos", 40,4% queriam que seus próprios negócios fossem sua principal ocupação após a formatura. Ademais, 29,9% desses empreendedores informaram que criaram seus negócios em grande parte devido aos efeitos da pandemia de Covid-19 e 32,8% deles já tinham criado algum outro negócio anteriormente.

Resultados recentes da pesquisa GEM Brasil indicam que um número importante de novos negócios estabelecidos em 2020 e 2021 foi de microempreendedores individuais (MEI), negócios em grande parte criados por necessidade no contexto da crise de Covid-19⁴. Os resultados ajudam a explicar os achados acima do GUESSS Brasil 2021 mostrando que 43,9% dos "empreendedores ativos" criaram seus negócios durante a pandemia de Covid-19 (2020 e 2021) e a maioria dos negócios era de micro porte: 38,3% sem empregados e 26,9% com um empregado.

3. Empreendedorismo e Estudantes: Fatores de Influência

3.1. O Contexto Universitário

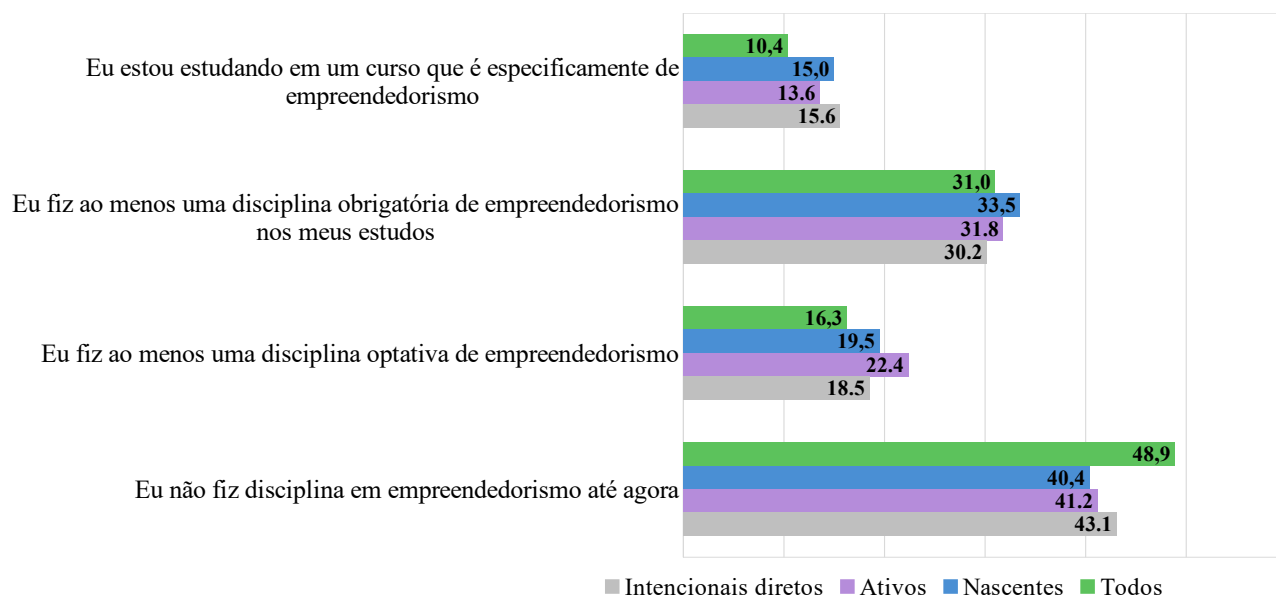
Segundo a Figura 7, quase a maioria dos estudantes (48,9%) não chegou a cursar sequer uma única disciplina universitária de empreendedorismo, o que é um sinal de alerta mostrando a necessidade de melhoria da educação em empreendedorismo. Em comparação, 16,3% dos estudantes cursaram ao menos uma disciplina optativa de empreendedorismo e 31,0% fizeram pelo menos uma disciplina obrigatória. Os estudantes podiam marcar múltiplas respostas dentre aquelas listadas na Figura 7. Com isso, pode-se ter uma compreensão mais aprofundada quanto à participação dos

⁴ Greco, S. M. S. S., Lima, E. O., Inácio Júnior, E., Machado, J. P., Guimarães, L. O., Bastos Júnior, P. A., Lopes, R. M. A., & Souza, V. L. (2021, 2022). Global Entrepreneurship Monitor: empreendedorismo no Brasil 2020 e 2021. In Pesquisa GEM - Global Entrepreneurship Monitor. <https://anegepe.org.br/parcerias/global-entrepreneurship-monitor/>

estudantes nas opções de formação em empreendedorismo porque eles podem ter aproveitado mais de um tipo de oferta ou nenhum dos tipos.

A única situação em que o percentual de todos os estudantes supera o dos estudantes empreendedores (nascentes, ativos e intencionais diretos) é quanto a não ter feito disciplina em empreendedorismo. Isso sugere alguma relação de educação em empreendedorismo com intenções empreendedoras. No entanto, com os dados disponíveis, não se pode dizer se as intenções empreendedoras motivam os estudantes a buscar educação em empreendedorismo ou se a educação em empreendedorismo promove as intenções empreendedoras, ou mesmo se ambas as direções causais ocorrem.

Figura 7. Participação dos grupos em formações de empreendedorismo (em %; N = 7.738)



Uma das influências a atuar sobre o empreendedorismo estudantil é a promoção do ambiente empreendedor nas IES. Em 2021, o Brasil obteve a pontuação média de 3,7 para a eficácia dessa promoção, apurada a partir de uma escala com respostas possíveis de 1 a 7 para níveis de concordância com as três afirmações descritas na nota de rodapé⁵. Tal média é inferior à média internacional, de 4,4. Esses números fornecem algumas informações, mas devem ser interpretados com cautela, já que as respostas dos estudantes são influenciadas por muitos fatores.

As médias brasileira e internacional mostram um grande espaço para melhoria, já que cada média máxima possível é 7. Em um esforço de aperfeiçoamento do ambiente empreendedor, as IES

⁵ Com base no estudo de Franke e Lüthje (2004), foram usadas três afirmações como itens de medida: “o ambiente em minha instituição de ensino me inspira a desenvolver ideias de novos negócios”; “em minha instituição de ensino, há um clima favorável para se tornar empreendedor”; “em minha instituição de ensino, os estudantes são estimulados a se envolver em atividades empreendedoras”. Os estudantes foram convidados a responder em que medida eles concordavam com essas afirmações (1=nada, 7=muito).

Franke, N., & Lüthje, C. (2004). Entrepreneurial intentions of business students – A benchmarking study. *International Journal of Innovation and Technology Management*, 1(3), 269-288.

precisam enfrentar diferentes desafios, como assegurar que suas ofertas ligadas ao empreendedorismo sejam vistas como sendo de valor, principalmente pelos estudantes interessados em empreender⁶, e incluam formação prática, indo bem além do tradicional ensino sobre planos de negócios⁷.

3.2. Campos de Estudo

A Figura 8 mostra que a importante proporção de 40,6% dos empreendedores intencionais diretos (fundadores para logo após a formatura) é do campo de negócios e administração, que é o campo com o maior percentual de respondentes do Estudo GUESSS Brasil em 2021 (34,8%).

O percentual de 13,7% dos empreendedores intencionais diretos é de medicina humana e ciências da saúde, enquanto 11,5% são de engenharia e arquitetura. Os dois campos tiveram, respectivamente, 14,5% e 12,5% do total de respondentes do estudo. Com negócios e administração, os dois campos de estudo somam a grande maioria dos respondentes de todas as categorias consideradas na Figura 8, totalizando 65,8% dos empreendedores intencionais diretos e 61,8% de todos os respondentes do estudo.

Quanto às intenções empreendedoras para cinco anos após a formatura, o campo de negócios e administração continua na liderança (38,9%), seguido dos campos de medicina humana e ciências da saúde (15,8%) e de engenharia e arquitetura (12,9%).

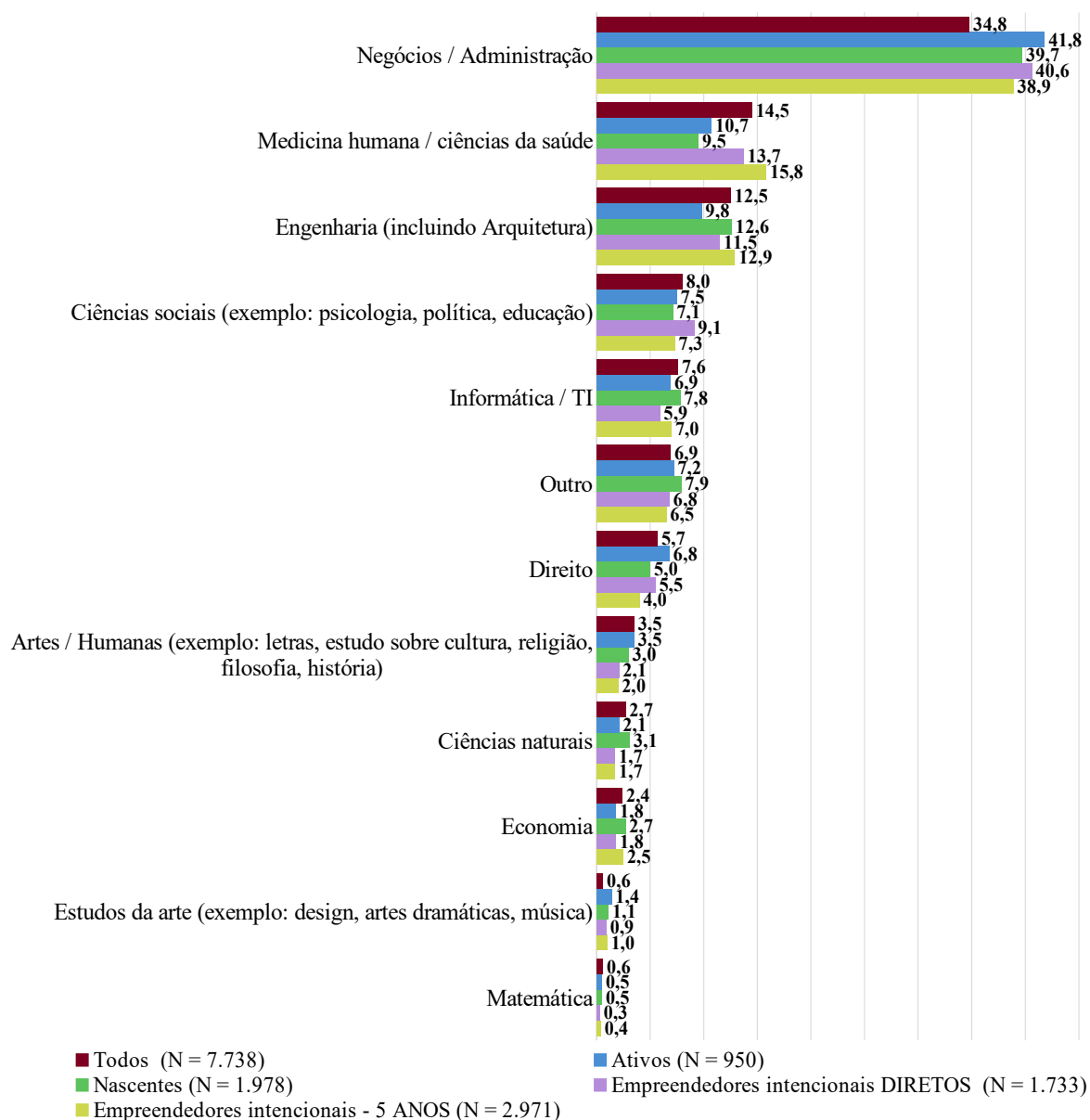
O fato de as duas categorias de intenção empreendedora e as duas de iniciativas empreendedoras (nascentes e ativos) terem maior percentual no campo de negócios e administração parece se explicar pelo fato de este ser logicamente um campo muito escolhido por estudantes que querem se preparar para administrar e dirigir negócios, inclusive na qualidade de empreendedores. Ainda que em menor grau, costuma também ser comum estudantes de engenharia e arquitetura pensarem em criar seus próprios negócios porque tendem frequentemente a querer ser autônomos ou criadores de tecnologias a serem desenvolvidas e comercializadas com negócios próprios.

O campo de medicina humana e ciências da saúde chama a atenção com seus percentuais mais elevados do que engenharia e arquitetura. O fato decorre possivelmente de uma influência da pandemia de Covid-19 como fator de estímulo para os estudantes desse campo considerarem mais frequentemente opções de negócios que não considerariam em tempos normais. Entre outras opções, os estudos, a preparação e as experiências de trabalho na área da saúde, incluindo nutrição, fisioterapia e até educação física, propiciam a criação de negócios de clínica, *home care*, assistência a distância e apoio para recuperação a pessoas com a saúde abalada, como se viu na crise de Covid-19.

⁶ Silva, J. P. M., Guimarães, L. O., Inácio Júnior, E., & Castro, J. M. (2021). Entrepreneurial ecosystem: Analysis of the contribution of universities in the creation of technology-based firms. *Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 19, 160–175.

⁷ Lima, E., Lopes, R. M., Nassif, V., & Silva, D. (2015). Opportunities to improve entrepreneurship education: Contributions considering Brazilian challenges. *Journal of Small Business Management*, 53(4), 1033-1051.

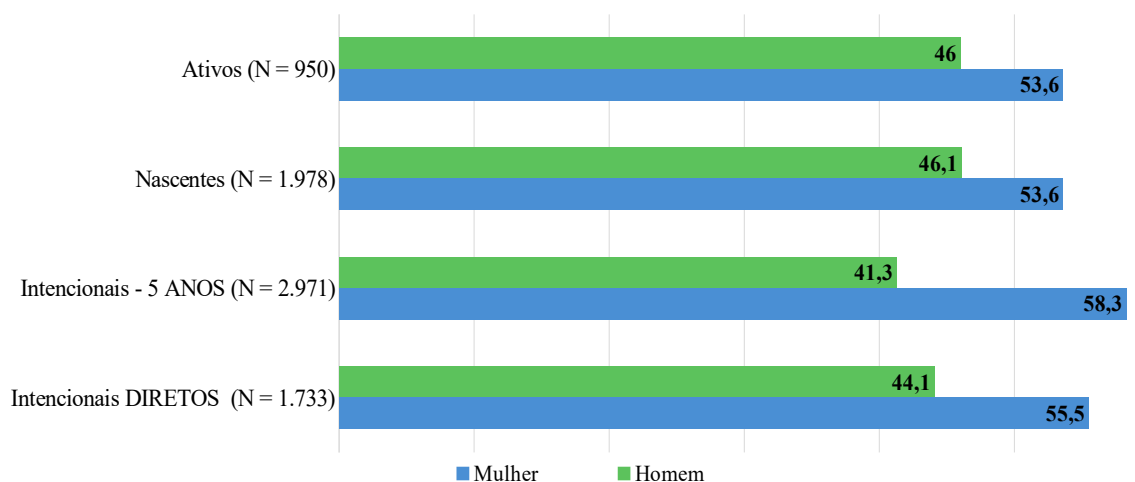
Figura 8. Intenções e atividades empreendedoras por campo de estudo (em %)



3.3. Sexo

Segundo a Figura 9, em todas as quatro categorias consideradas, o percentual das estudantes mulheres é superior ao dos estudantes homens em cerca de 10 p.p., em média. As mulheres se mostram com uma vantagem clara sobre os homens. Tal situação indica uma potencial mudança futura nas dinâmicas empreendedoras, com as mulheres empreendendo mais frequentemente.

Figura 9. Diferenças de sexo dos empreendedores intencionais, nascentes e ativos (em %)



4. O Impacto da Pandemia de Covid-19

Esta seção retoma aspectos destacados em seções anteriores quanto a conexões com a pandemia e os combina a algumas novas considerações.

A pandemia é, provavelmente, o acontecimento definidor mais central do contexto do empreendedorismo, da educação e das dinâmicas socioeconômicas em geral a ter ocorrido no Brasil e no mundo desde a última edição do Estudo GUESSS Brasil, de 2018. Entre outros problemas, a partir do início de 2020 e devido aos impactos da pandemia, as IES e os estudantes do Brasil e do mundo tiveram muitas situações de indefinição, instabilidade e mudança devido a essa crise. Nessas circunstâncias, a edição do GUESSS prevista para 2020 teve que ser adiada para 2021, pois não havia como mobilizar sua coleta de dados nas IES com tamanha instabilidade nessas instituições.

Foram muito impactadas as atividades universitárias, assim como o convívio dos estudantes, dadas a necessidade de distanciamento social para reduzir os riscos de contágio da Covid-19 e as mudanças dos serviços educacionais, o que se somou ao risco de perda ou à efetiva perda de emprego e renda de estudantes e seus familiares⁸. Os problemas relativos ao emprego (inclusive mudanças de horário, intensificação e modos de trabalho), a preocupações e à renda (inclusive diminuição e risco de perda) dos estudantes levaram muitos deles a ter dúvidas sobre a continuidade de seus estudos ou a efetivamente deixar os estudos⁹.

⁸ Gusso, H. L., Archer, A. B., Luiz, F. B., Sahão, F. T., Luca, G. G. D., Henklain, M. H. O., ... & Gonçalves, V. M. (2020). Ensino superior em tempos de pandemia: diretrizes à gestão universitária. *Educação & Sociedade*, 41, e238957.

Soares, C. S., Guimarães, E. D. L., & de Souza, T. V. (2021). Ensino remoto emergencial na percepção de alunos presenciais de Ciências Contábeis durante a pandemia de Covid-19. *Revista Catarinense da Ciência Contábil*, 20, e3182.

⁹ de Medeiros Rosa, C., dos Santos, F. F. T., & Gonçalves, A. M. (2021). Os efeitos da pandemia da COVID-19 na permanência na educação superior. O cenário de uma universidade federal brasileira. *Revista Iberoamericana de Educación*, 86(2), 61-76.

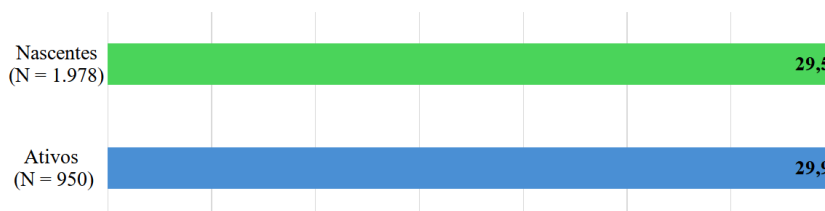
Francisco, L. P. L., Fernandes, C. B., Vio, N. L., de Oliveira Pascoal, I., Feijó, M. R., & Camargo, M. L. (2021). Impactos da pandemia no estudo e dinâmica de vida de universitários brasileiros. *Conjecturas*, 21(4), 376-395.

Há dúvidas sobre como a pandemia afetou a preparação para empreender, a intenção empreendedora e as iniciativas empreendedoras dos estudantes. Em páginas anteriores, em especial com a Figura 5, mostrando variações entre 33% e 39%, pôde-se ver que a frequência de intenções empreendedoras dos estudantes em 2021, durante a crise de Covid-19, é próxima daquelas levantadas no Estudo GUESSS Brasil desde 2011. Segundo o que também indica o relatório internacional do GUESSS 2021, considerando muitos países, isso sugere que, em linhas gerais, a intenção empreendedora não foi sistemática e significativamente afetada pela pandemia¹⁰.

Contudo, há mais detalhes a explorar. O estudo perguntou aos estudantes das categorias "empreendedores nascentes" e "empreendedores ativos" sobre as possíveis relações da Covid-19 com as iniciativas e ações empreendedoras deles. Os estudantes da primeira categoria foram interrogados se planejavam criar um negócio em grande parte devido às consequências da pandemia. Os da segunda categoria, por sua vez, foram interrogados sobre se tinham, em grande parte, criado um negócio devido à pandemia. Para ambas as categorias, as respostas possíveis eram "sim" e "não".

Como mostram a Seção 1 deste relatório e a Figura 10, a resposta de 29,5% dos "empreendedores nascentes" foi "sim", assim como de 29,9% dos "empreendedores ativos". Justamente, com resultados complementares, o estudo GEM Brasil¹¹ já indicou que empreender se tornou a fonte de renda de muitos brasileiros depois que eles se sentiram inseguros no emprego ou que perderam o emprego por efeito da pandemia.

Figura 10. A pandemia sendo, em grande parte, um motivo para empreender (em %)



Segundo o relatório internacional do GUESSS 2021, entre os 58 países estudados, o Brasil ficou em 12^a posição global com os "empreendedores nascentes" e em 22^a posição global com os "empreendedores ativos" no *ranking* de maiores percentuais de respostas "sim" a essas respectivas consultas. Como informou o relatório internacional, esses altos percentuais foram mais frequentes nos países em desenvolvimento, como o Brasil, reforçando o papel relevante do empreendedorismo por necessidade nesses países¹².

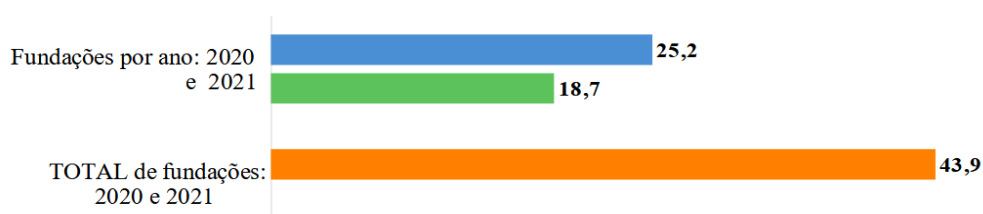
¹⁰ Sieger, P., Raemy, L., Zellweger, T., Fueglistaller, U. & Hatak, I. (2021). Global Student Entrepreneurship 2021: Insights From 58 Countries. St.Gallen/Bern: KMU-HSG/IMU-U.

¹¹ Greco, S. M. S. S., Lima, E. O., Inácio Júnior, E., Machado, J. P., Guimarães, L. O., Bastos Júnior, P. A., Lopes, R. M. A., & Souza, V. L. (2021, 2022). Global Entrepreneurship Monitor: empreendedorismo no Brasil 2020 e 2021. In Pesquisa GEM - Global Entrepreneurship Monitor. <https://anegepe.org.br/parcerias/global-entrepreneurship-monitor/>

¹² Segundo as duas referências a seguir: (A) Sieger, P., Raemy, L., Zellweger, T., Fueglistaller, U. & Hatak, I. (2021). Global Student Entrepreneurship 2021: Insights From 58 Countries. St.Gallen/Bern: KMU-HSG/IMU-U. (B) Wennekers, S., van Stel, A., Thurik, R., & Reynolds, P. (2005). Nascent entrepreneurship and the level of economic development. *Small Business Economics*, 24(3), 293-309.

Também é pertinente destacar, como dito anteriormente neste relatório, que os dados do Estudo GUESSS Brasil mostram que 18,7% dos "empreendedores ativos" fundaram seus negócios em 2021, 25,2% em 2020 e 13,1% em 2019. Portanto, no total, 43,9% deles criaram negócios durante a pandemia (2020 e 2021), apesar das dificuldades da crise e/ou impulsionados pelas dificuldades da crise.

Figura 11. Fundações feitas pelos empreendedores ativos na pandemia (em %; N = 950)



Contando a partir de 2019, a maioria dos negócios dos "empreendedores ativos" (57,0%) era nova, de até três anos. Ademais, os negócios de 38,3% dos "empreendedores ativos" não tinham empregados e 26,9% deles tinham apenas um empregado. Nesse sentido, 65,2% dos negócios eram de porte micro.

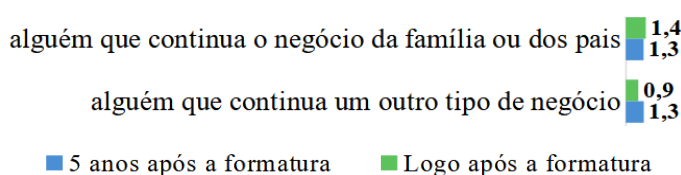
Também como dito anteriormente, o fato de tais negócios serem novos e de porte micro se alinha com os resultados das pesquisas GEM Brasil recentes. Estas apontam um alto número de novos negócios do tipo microempreendedores individuais (MEI) estabelecidos no Brasil em 2020 e 2021 por necessidade no contexto da crise de Covid-19¹³.

5. Empreender como Sucessores nos Negócios da Família e em Outros

Um tema a mais explorado na coleta de dados do GUESSS 2021 foi o do interesse e das atividades dos estudantes universitários para suceder dirigentes em negócios. Com detalhamento, o estudo obteve dados sobre a sucessão em negócios da família dos estudantes. Houve também a coleta de dados, mas menos aprofundada, a respeito da sucessão com aquisição de negócios de terceiros.

Parte dos dados já foi apresentada sinteticamente na Figura 1, a partir da qual vem o extrato sobre sucessão mostrado a seguir, na Figura 12.

Figura 12. O que os estudantes querem ser **com a sucessão** – intenções de carreira (em %; N = 7.738)



¹³ Greco, S. M. S. S., Lima, E. O., Inácio Júnior, E., Machado, J. P., Guimarães, L. O., Bastos Júnior, P. A., Lopes, R. M. A., & Souza, V. L. (2021, 2022). Global Entrepreneurship Monitor: empreendedorismo no Brasil 2020 e 2021. In Pesquisa GEM - Global Entrepreneurship Monitor. <https://anegepe.org.br/parcerias/global-entrepreneurship-monitor/>

Com a Figura 12, pode-se entender que cerca de 1,3% dos 7.738 respondentes tem como intenção de carreira ser sucessor (nos negócios de sua própria família ou outros) logo após a formatura ou 5 anos após. Contudo, uma exceção refere-se a 0,9% deles. Essa é uma porcentagem menor, que mostra o interesse de ser sucessor em negócios de terceiros um pouco menos frequente para logo após a formatura, ainda que também se mostre em apenas 1,3% para 5 anos depois.

Com outro conjunto de questões do questionário, dentre os 7.738 estudantes respondentes, um total de 2.795 (36,1%) informou que seu pai, sua mãe ou ambos são autônomos (têm um negócio sem empregado como fonte de renda) e um total de 2.083 (26,9%) informou que seu pai, sua mãe ou ambos são donos majoritários ou únicos de algum tipo de negócio. Esses são dois conjuntos de "sucessores potenciais" que podem se sobrepor ao menos parcialmente, ou seja, um conjunto pode conter ao menos parte dos respondentes do outro.

Essas duas porcentagens são impressionantemente maiores do que aquelas dos interessados em serem sucessores (em torno de 1,3%, segundo a Figura 12). Isso sugere que cerca de 25% a 34% de todos os 7.738 estudantes respondentes poderiam ser sucessores em algum tipo de atividade empreendedora de familiares e não têm intenção de suceder. Esse comparativo é muito preocupante, pois continuar algum negócio existente tende a ter muitas vantagens em relação à criação de um novo negócio "a partir do zero". Ainda que os sucessores queiram ou precisem fazer ajustes nos negócios que assumirem, estes geralmente já têm clientela estabelecida, bens e/ou serviços em comercialização, registro legal, outras burocracias resolvidas, etc. Esses são ativos que tomariam muito tempo e muitos recursos para serem desenvolvidos "a partir do zero".

Ainda assim, para se pensar na sucessão dos respondentes em negócios familiares, as análises de dados do restante desta seção poderão ser úteis, a começar pela consideração das respostas de 2.610 "sucessores potenciais" (33,7% de 7.738) resumidas na Figura 13.

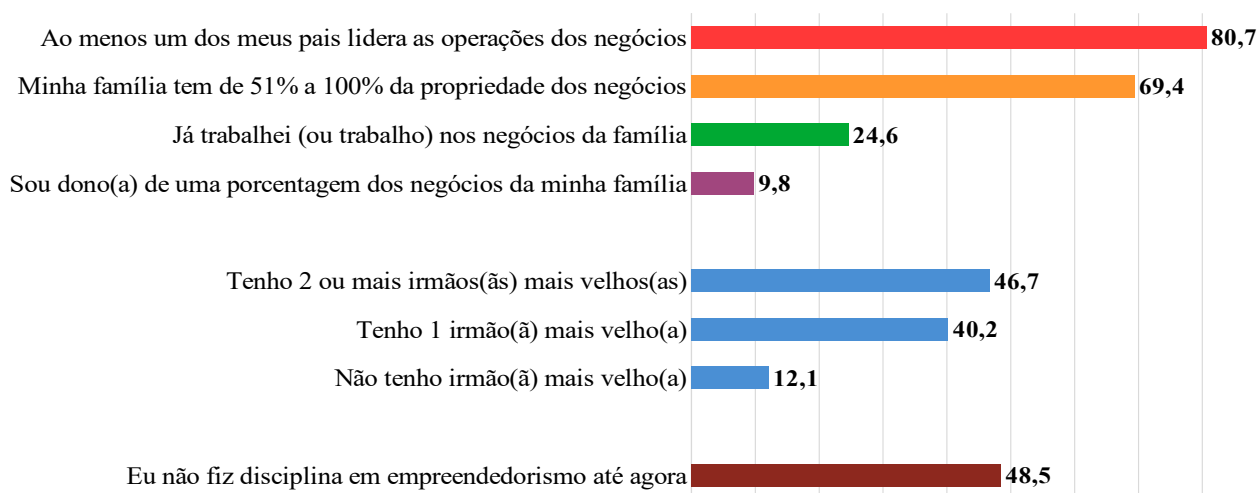
Segundo a Figura 13, um contingente de 80,7% dos "sucessores potenciais" informou que ao menos um dos pais lidera as operações dos negócios em que estes têm alguma parte da propriedade e 69,4% afirmaram que sua família é proprietária majoritária nos negócios considerados. Entre os "sucessores potenciais" com pais liderando, contra-intuitivamente, 48,5% não cursaram sequer uma disciplina de empreendedorismo, o que pode inibir suas possibilidades de desenvolverem a necessária preparação para serem empreendedores e sucessores.

Ademais, 12,1% informaram não terem irmãos mais velhos, o que indica uma menor possibilidade de diluição de propriedade e de conflito no processo de sucessão, assim como de visões discordantes na direção se mais de um irmão for sucessor. Contudo, não se pode descartar o risco de conflitos e de divergências de visões ocorrerem com irmãos mais novos e entre sucessores (filhos) e sucedidos (pais), combinado ou não ao frequente conflito de gerações nas relações familiares¹⁴.

¹⁴ Kubíček, A., & Machek, O. (2020). Intrafamily conflicts in family businesses: A systematic review of the literature and agenda for future research. *Family Business Review*, 33(2), 194-227.

Figura 13. Respostas dos sucessores potenciais (em %; N = 2.610)

(Apenas barras de mesma cor referem-se a respostas para uma mesma pergunta.)



Parte dos "sucessores potenciais" tem experiência de trabalho, até mesmo atuando como sócios nos negócios dos pais (Figura 13). Esse subgrupo tende a ser o mais bem encaminhado e o mais bem preparado para suceder com sucesso. As experiências de emprego, de gestão e de empreendimento nos negócios familiares são importantes na preparação dos sucessores para que assumam, com êxito, o posto de ao menos um dos pais à frente dos negócios.

A Figura 13 mostra que 24,6% dos "sucessores potenciais" já trabalham ou trabalharam nos negócios dos pais e 9,8% deles têm alguma porcentagem de propriedade nos negócios. Sucessores que conhecem em detalhe a realidade dos negócios e já sabem administrá-los tendem a estar em vantagem frente a outros para assegurarem sucesso na continuação dos negócios. Trabalhar nos negócios dos pais, principalmente se isso também tiver sido como sócio e empreendedor, tende a promover alinhamento de perspectivas e expectativas, assim como bases firmes para consenso e conciliação em decisões, planos e visões entre os próprios sucessores e entre eles e aqueles a serem sucedidos.

O mesmo parece valer para o caso de sucessão em que o sucessor compra os negócios de pessoas que não são de sua própria família. Se ele já tem experiência de trabalho, e principalmente de direção, nos negócios a comprar, tenderá a conhecer melhor os negócios e a saber melhor como administrá-los. Um exemplo disso é o de um administrador, ou até mesmo de um empregado sem cargo de gestão, que compra parte da empresa em que trabalha ou compra toda ela.

Benefício semelhante pode ser pensado para alguém que desenvolve experiência como empreendedor, administrador e/ou outra forma de empregado em um negócio e depois funda ou compra outro negócio parecido. Um exemplo disso são os casos de *spin-off* gerando novos negócios a partir de outros anteriores por iniciativa de sócios, gestores e/ou outros tipos de empregados que levam competências úteis para empreenderem no novo negócio. Muito dos conhecimentos e

experiências vindos do negócio precedente poderá ser útil em um próximo, ainda que adaptações sejam necessárias e não seja uma situação de *spin-off*.

6. Recomendações *(com base não apenas neste relatório, mas também nos conhecimentos mais gerais dos autores e do conselho consultivo, desenvolvidos inclusive na elaboração de relatórios do GEM Brasil)*

Os estudantes deveriam...

- Estar cientes de que qualquer opção de carreira empreendedora (ser um empreendedor social, começar um negócio próprio, trabalhar como autônomo, ajudar a dirigir ou assumir a empresa da própria família e/ou adquirir e dirigir outro negócio) pode ser uma fonte importante de realizações, bem-estar e riqueza, ainda que a opção envolva algum risco de perda e demande dedicação.
- Desenvolver competências em especial quanto aos modos simples e baratos de se preparar e realizar iniciativas para trabalhar em empregos ou como empreendedores. Assim, os estudantes poderão mais facilmente superar dificuldades, inclusive quanto à falta de recursos ou à pobreza, algo que é muito necessário em tempos de grandes restrições, como se viu no enfrentamento das dificuldades impostas pela pandemia de Covid-19.
- Lembrar que o empreendedorismo e o empreendedorismo social são caminhos promissores para realizar sonhos e viver bem, assim como para construir riqueza e um mundo melhor.
- Saber mais sobre como empreender e ter experiências práticas que ajudem a empreender (p. ex.: ser líder estudantil, colaborar nos negócios da família, dirigir o centro ou diretório acadêmico de seu curso, ser voluntário em ações comunitárias, atuar na diretoria de seu próprio condomínio, conduzir assembleias e reuniões, participar em negociações, atuar em incubadoras de empresas ou na empresa júnior e colaborar em ações sociais). Os conhecimentos, a criatividade, a tomada de iniciativa e as demais forças desenvolvidos são úteis às pessoas não apenas para empreender, mas também para a vida em geral e a atuação nos empregos, ampliando a capacidade de se destacarem e de transformarem a realidade.
- Considerar que a recomendação precedente também ajuda na qualificação das iniciativas feitas por necessidade (por falta de outra opção) para empreender ou assumir um emprego de modo não muito desejado inicialmente, como se repetiu muito na busca de novas fontes de renda durante a pandemia devido à perda de um emprego ou de um negócio.
- Aproveitar possibilidades de colaboração nos negócios da família, se houver, as experiências universitárias (p. ex.: dirigir o centro ou diretório acadêmico de seu curso, estágios, interação com outros estudantes e professores, vivências em sala de aula, trabalhos em equipe e intercâmbios) e o ambiente universitário para estabelecer conhecimentos, habilidades e contatos propícios aos crescimentos pessoal e profissional, assim como para parcerias e colaborações propícias a bons empregos e ao sucesso no empreendedorismo.
- Prospectar e ponderar oportunidades de se tornarem empreendedores, não apenas empregados, e, em seguida, tomar decisões fundamentadas sobre empreender ou não. Este relatório mostrou que os estudantes interessados em empreender ou que já empreendem estão mais frequentemente no campo de negócios e administração. No entanto, existem muitos caminhos promissores para o empreendedorismo de estudantes em todos os campos de estudo, caminhos para os quais os estudantes e os tomadores de decisão em geral precisam estar bem atentos.
- Caso queiram empreender, considerar que comprar um negócio já em funcionamento ou assumir negócios da família, além de ter a vantagem de perpetuar um legado e uma tradição, pode ser um caminho mais barato, seguro e fácil, que já superou as fases iniciais difíceis, trabalhosas e arriscadas de, entre outras coisas, registro de empresa, criação de bens e serviços a vender, estabelecimento de marca e canais de distribuição e desenvolvimento de

uma clientela. Comprar um negócio ou ser sucessor em uma empresa estabelecida, ainda que ela tenha muitos problemas a resolver, traz muitas vantagens para os empreendedores em relação à opção de começar a empreender "do zero".

As instituições de ensino superior (IES) e os tomadores de decisão deveriam...

- Principalmente nas situações de crise nacional, local ou até de apenas uma ou outra organização em específico, facilitar e agilizar a inserção dos estudantes em postos de ação ao lado de empreendedores nas comunidades e organizações, seja como voluntários, empregados, estagiários e/ou apoiadores, com ou sem remuneração, para que fortaleçam as capacidades de realização das comunidades e/ou organizações frente a dificuldades. Interagindo com empreendedores sociais e de outros tipos, em especial em situações de crise, os estudantes poderão aprender melhor como trabalhar na condição de empregados, como empreender e como solucionar problemas complexos impulsionando a recuperação e o desenvolvimento de organizações, comunidades e regiões.
- Para operacionalizar um dos modos de se realizar a recomendação precedente, prever diferentes cenários possíveis de crise e de outras necessidades, preparando com antecedência grupos de estudantes em colaboração com outros atores para agirem (voluntariamente ou não) em forças-tarefas, se necessário. Para que tais grupos estejam bem articulados, coordenados e aptos a trabalhar nessas necessidades ocasionais, é recomendável que tenham atuações frequentes em atividades de extensão universitária e de ação social promovidas pelas IES e por organizações sociais em benefício de comunidades, organizações e/ou pessoas em específico. Com isso, já terão desenvolvido senso de equipe, compromisso e habilidades úteis para atuarem nos momentos de maior necessidade. Parte dos créditos obrigatórios para formação universitária pode ser reservada às atuações frequentes de preparação. No mais, formas de distinção, agradecimento e premiação para os estudantes podem ser criadas como reconhecimento de resultados positivos que eles obtenham em suas atuações, em especial nas situações mais necessárias, durante crises.
- A fim de resolver necessidades de mais atividades práticas para os estudantes na preparação para empreenderem¹⁵, organizar e articular a atuação de discentes e docentes para que possam fortalecer suas características empreendedoras (que também são úteis para serem empregados, tendo iniciativa e sendo proativos) ao mesmo tempo em que realizam atividades práticas úteis às comunidades e organizações, principalmente na solução de grandes desafios, necessidades ou até de crises. Já é comum nas IES do Brasil a atuação de estudantes em serviços universitários, por exemplo, de assessoria jurídica, clínicas de saúde, trabalho social e empresa júnior. Há também as ligas acadêmicas¹⁶. Mas é recomendável pensar em possíveis experiências mais amplas e com maior diversidade de cursos universitários, inclusive pondo em colaboração os estudantes de múltiplos cursos, o que fortalece seu *networking* em variados campos de estudo e suas habilidades interdisciplinares. Um exemplo inspirador desse tipo de experiência são os programas estudantis de serviço comunitário (KKN), comumente pedidos como prerequisite para formação em universidades indonésias e que já chegaram a ser catalisadores de recuperação pós-desastre¹⁷.
- Incentivar projetos, iniciativas variadas e competições universitárias impulsionando a interdisciplinaridade e o interesse pelo empreendedorismo em campos de estudo mais

¹⁵ Lima, E., Lopes, R. M., Nassif, V., & Silva, D. (2015). Opportunities to improve entrepreneurship education: Contributions considering Brazilian challenges. *Journal of Small Business Management*, 53(4), 1033-1051.

¹⁶ Santana, I. H. O., Soares, F. J. P., & Cunha, J. L. Z. (2018). Ligas acadêmicas no Brasil: revisão crítica de adequação às Diretrizes Curriculares Nacionais. *Revista Portal: Saúde e Sociedade*, 3(3), 931-944.

¹⁷ * Hanafi, E. A., Hokugo, A., Kondo, T., Hilyana, S., & Suryani, E. University Involvement as a Catalyst for Post Disaster Community Recovery: Case Study from Kkn Activities in Lombok Indonesia. *Available at SSRN 4330116*.

* Hesti, M., & Markos, V. (2024). Exploring the Efficacy of Student Community Service Programs (KKN) in Higher Education Institutions: A Case Study in Indonesia.

variados, inclusive promovendo o *networking* dos estudantes entre os campos, visto que os estudantes empreendedores e os interessados em empreender estão em 50% ou mais concentrados apenas nos campos de estudo "negócios / administração", "medicina humana / ciências da saúde" e "engenharia" (Figura 8).

- Preparar e incentivar os estudantes para tomarem decisões bem fundamentadas em suas escolhas de carreira, não deixando de considerar detalhadamente a possibilidade de empreender, ainda que o empreendedorismo não deva ser apresentado a eles como uma escolha obrigatória.
- Gerar conscientização e preparação dos jovens para que, antes mesmo de pensarem em criar um novo negócio "a partir do zero", considerem seriamente a possibilidade de se juntarem a seus familiares à frente de negócios que suas famílias já tenham e/ou de comprar uma empresa já existente, de modo a facilitar sua trajetória empreendedora e perpetuar o legado e a tradição dos negócios anteriormente existentes. Essa recomendação se mostra particularmente relevante porque os dados deste relatório mostram uma impressionante discrepância entre a alta frequência de estudantes relatando que sua família tem negócios e a baixíssima porcentagem de estudantes interessados em ser sucessores nos negócios familiares ou de terceiros.
- Criar um estado de alerta e o interesse de os estudantes darem continuidade ou ajudarem nos negócios da própria família e/ou de terceiros. Um dos efeitos da pandemia foi levar muitos empreendedores a quererem descontinuar seus negócios por não se sentirem mais capazes de mantê-los. Situações de muita dificuldade abrem oportunidades para uma atuação, até mesmo emergencial, que pode fazer grande diferença. O trabalho e a capacidade criativa extras levados a empreendimentos (sociais ou não) em crise podem marcar a virada de um fracasso previsível para a superação com multiplicação de frutos. Isso ajuda na resiliência de organizações, comunidades e países, prevenindo perdas significativas para as populações.
- Promover os mesmos estados de alerta e de interesse para que os estudantes tenham reserva financeira para aproveitarem oportunidades de trabalho e de investimento como empregados ou empreendedores, inclusive frente a oportunidades de compra de negócios em condições atrativas para continuidade frente a problemas ou crises. Com compra ou sucessão, esses negócios podem perdurar diante de graves dificuldades, o que é importante para a resiliência e o desenvolvimento de comunidades e regiões.
- Criar um ambiente educacional livre de restrições ideológicas e resistências, promovendo um espaço propício para o estudo e a prática do empreendedorismo, inclusive do empreendedorismo social. Esse ambiente deve enfatizar a integração do empreendedorismo no currículo de todas as disciplinas acadêmicas, em todos os cursos e programas de formação.
- Promover entre os estudantes e no país em geral o empreendedorismo social e as demais formas de empreendedorismo com seus relevantes papéis na construção de vidas e sociedades melhores. Todas as formas de empreendedorismo podem melhorar as perspectivas de pessoas, comunidades e países para viverem melhor e de modo mais justo.
- Aperfeiçoar a educação em empreendedorismo em especial para os possíveis sucessores de empresas familiares e outras, pois cerca de 50% deles nunca cursou qualquer disciplina de empreendedorismo enquanto todos os possíveis sucessores normalmente têm mais etapas avançadas e preparo do que o normal para empreender, com um potencial de contribuição para o desenvolvimento de comunidades e regiões que é particularmente atrativo.
- Tal aperfeiçoamento é também necessário devido à baixa pontuação de 3,7 da eficácia da promoção do ambiente empreendedor nas IES brasileiras, média inferior à internacional, de 4,4, mas muito inferior à máxima possível, de 7 pontos.

7. Apêndice - A Amostra Brasileira

O Brasil obteve o importante total de 7.738 respostas de universitários para o GUESSS em 2021 apesar da pandemia de Covid-19 ainda corrente no país e no mundo nesse ano. As respostas vieram de mais de 33 instituições de ensino superior (IES) de diferentes estados do país (Tabela A1).

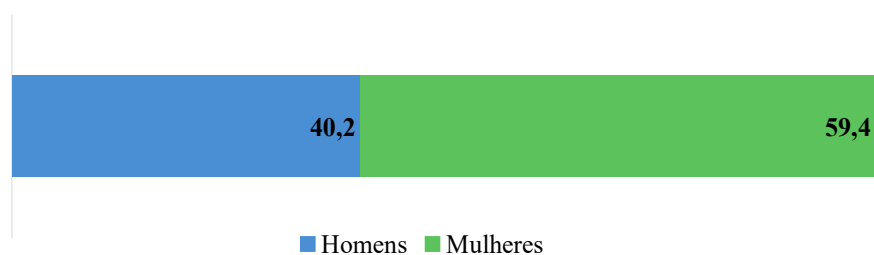
As características dessa amostra estabelecem o contexto para a compreensão detalhada dos dados e das análises deste relatório. Entre elas, destacam-se a distribuição geográfica das IES participantes e os perfis de seus estudantes respondentes, incluindo sexo, idade e campos de estudo.

*Tabela A1. Distribuição das respostas brasileiras [(33 IES + outras) > 33]**

IES	Respostas	%
USCS – Universidade Municipal de São Caetano do Sul – SP	2 047	26,5
UNINOVE – Universidade Nove de Julho – São Paulo – SP	903	11,7
IFRN – Instituto Federal do Rio Grande do Norte – RN	502	6,5
UFRPE – Universidade Federal Rural de Pernambuco – PE	375	4,8
UFERSA – Universidade Federal Rural do Semi-Árido – Mossoró – RN	366	4,7
UNOESC – Universidade do Oeste de Santa Catarina – SC	326	4,2
UNIVICOSA – FAVICOSA – MG	313	4,0
UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis – SC	305	3,9
UFMA em SÃO LUÍS e outras cidades – Universidade Federal do Maranhão – MA	263	3,4
UNICAMP em Limeira – Universidade de Campinas – SP	243	3,1
UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - MS	236	3,0
FATEC SEBRAE – São Paulo – SP	234	3,0
UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei – MG	205	2,6
UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – PR	137	1,8
Faculdade LUCIANO FEIJÃO – Sobral – CE	132	1,7
FASAR - Faculdade Santa Rita – Conselheiro Lafaiete - MG	117	1,5
UFC – Universidade Federal do Ceará – CE	90	1,2
UFPA – Universidade Federal do Pará – PA	89	1,2
UNIVASF – Universidade Federal do Vale do São Francisco – PE	78	1,0
UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – PR	65	0,8
UFMT – Universidade Federal do Mato Grosso – MT	61	0,8
UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Natal – RN	57	0,7
UFR – Universidade Federal de Rondonópolis – MT	54	0,7
FUMEC - Universidade FUMEC – MG	42	0,5
UNICAMP – Universidade de Campinas – SP	37	0,5
UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná – PR	33	0,4
FACESP - Faculdade de Ensino Superior de Pernambuco - PE	32	0,4
UFLA – Universidade Federal de Lavras - MG	29	0,4
IFSP – Instituto Federal de São Paulo – SP	25	0,3
FACESM – Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Sul de Minas – Itajubá – MG	19	0,2
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco – Recife – PE	14	0,2
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – RJ	14	0,2
USP campus de São Paulo – Universidade de São Paulo – SP	12	0,2
Outras*	283	3,5
TOTAL	7 738	100,0

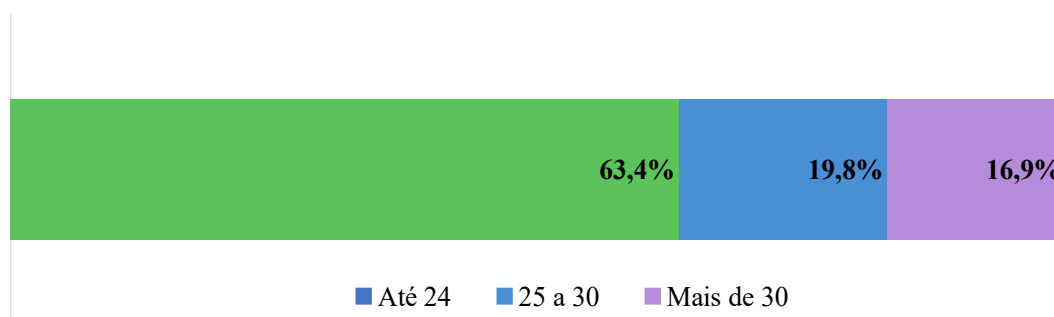
* O número real de IES do estudo é maior do que 33 porque aquelas com menos de 12 respostas, que totalizaram 133 respostas, foram agrupadas na categoria “outras”, assim como as 150 respostas de estudantes que não identificaram a IES em que estudam.

Figura A1. Distribuição dos sexos dos respondentes (em %; N = 7.738)



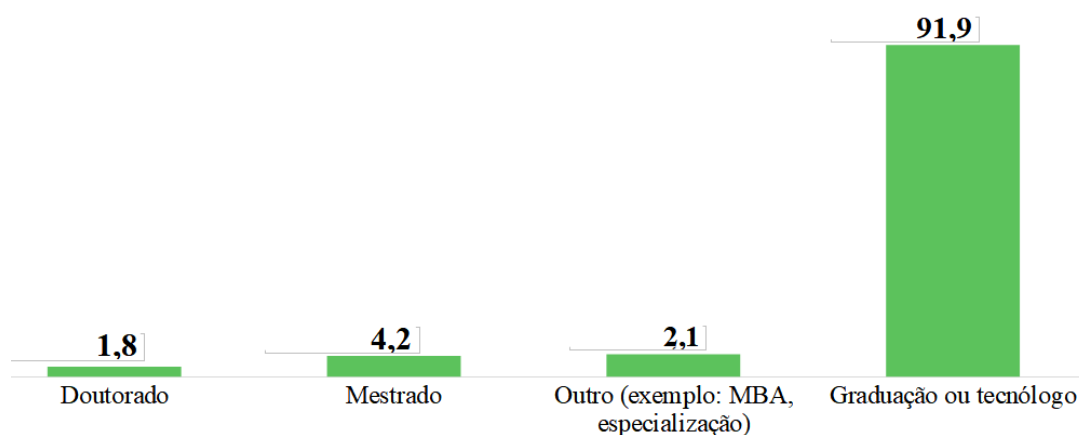
As estudantes do sexo feminino foram a maioria no estudo, com 59,4% das respostas. Os estudantes do sexo masculino foram 40,2%, enquanto uma pequena porcentagem de estudantes (0,4%) não se identificou como homem ou mulher.

Figura A2. Distribuição das idades (em %; N = 7.298)



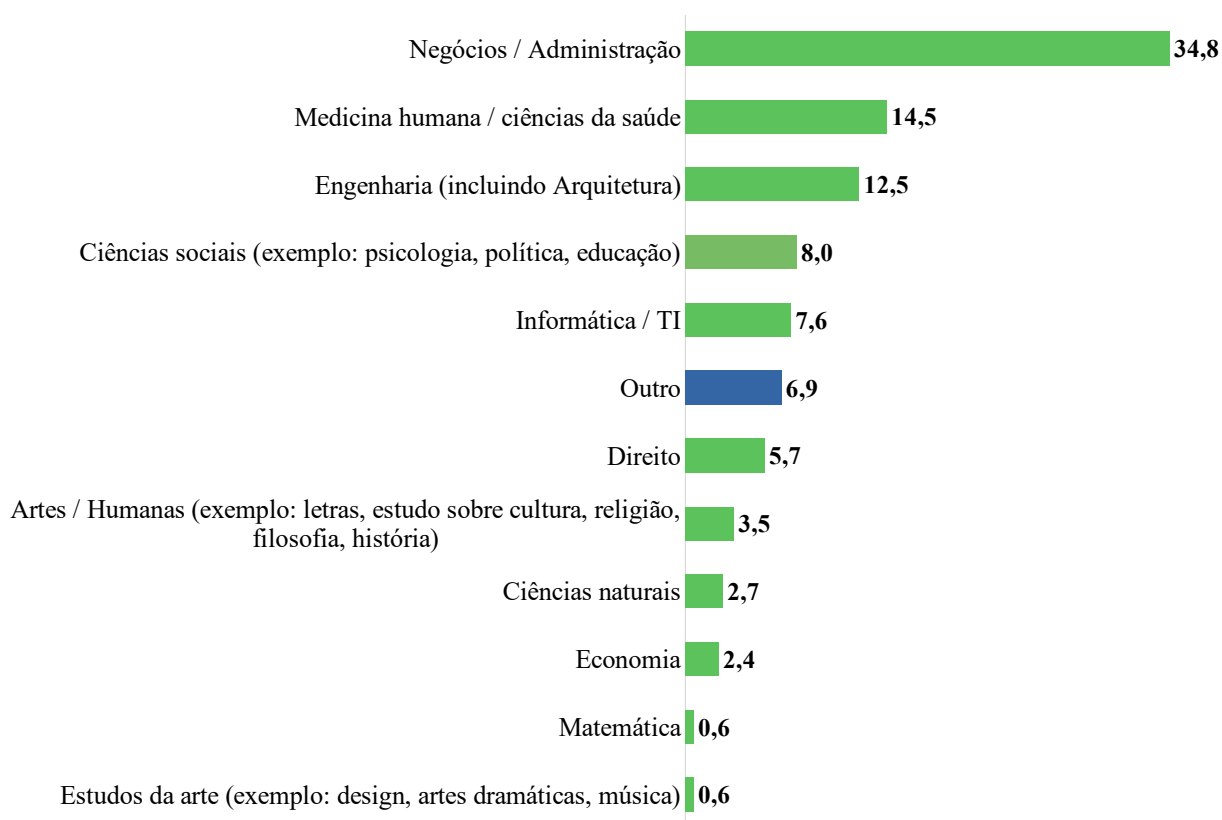
Quanto às idades, a maioria dos respondentes (63,4%) declarou ter "até 24 anos". Os demais estão divididos em dois grupos: 19,8% têm "25 a 30 anos", enquanto 16,9% informaram ter "mais de 30 anos" de idade.

Figura A3. Distribuição do nível de estudos (em %; N = 7.733)



A grande maioria dos estudantes da amostra (91,9%) está matriculada na graduação, enquanto menos de 8,5% estão cursando outros níveis acadêmicos, como ilustrado na Figura A3.

Figura A4. Distribuição dos campos de estudo (em %; N = 7.738)



Cerca de 35% dos respondentes são do campo de estudo "negócios / administração", enquanto há 14,5% do campo de saúde e 12,5% de "engenharia (incluindo arquitetura)". Esses são os três campos de mais alta porcentagem, somando cerca de 62% das respostas. A categoria “outro” inclui respostas de estudantes que não encontraram seu campo de estudos listado entre as opções de resposta mostradas na Figura A4.

O fato de o Estudo GUESSS Brasil 2021 ter um pouco mais de um terço (1/3) de todos os seus respondentes no campo de estudos de negócios e administração reflete principalmente dois aspectos: (1) a afinidade temática, os parceiros e professores que promovem o estudo nas IES brasileiras estão concentrados nesse campo e (2) os estudantes desse campo parecem ter mais frequentemente interesse pelo tema do GUESSS, empreendedorismo, mais fácil e comumente dispondo-se a responder o questionário do estudo.